

OCUPAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA NA CAFEICULTURA PAULISTA¹

José Eduardo Rodrigues VEIGA², E-mail: zeveiga@iea.sp.gov.br; Celma da Silva Lago BAPTISTELLA², E-mail: celma@iea.sp.gov.br

¹ Este artigo é parte do Projeto Estratégias Comerciais e Caracterização Sócio-Econômica da Cafeicultura Paulista, integrante do Programa Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento do Café PNP&D/CAFÉ; ²Instituto de Economia Agrícola, São Paulo, SP.

Resumo:

A análise da ocupação de mão-de-obra nas Unidades de Produção Agrícola (UPAs) nas categorias tradicionalmente demandadas pela cultura do café – trabalhadores permanentes ou temporários –, através de levantamento de dados referentes ao ano agrícola 2004/05, e que utilizou amostra probabilística estratificada, mostrou uma *nova* configuração desta ocupação, sinalizando, entre outras coisas, que há clara necessidade de qualificar o trabalhador. O levantamento revela queda total de pessoas ocupadas na atividade e destaca a predominância da mão-de-obra masculina nas diferentes categorias (70%), sendo que na categoria *parceiro* predomina o trabalho feminino, o qual alcançou a marca de 75% no EDR de Franca, o que demonstra a integração da mulher com a adoção deste sistema. Salientou-se, também, que o excesso de cuidados, típicos desta cultura, tornam-se mais intensos na produção de café adensado ou especial, o que significa que as suas práticas inerentes adequam-se às unidades produtivas de menor extensão de área. A análise reforça a preocupação com a mão-de-obra volante, ocupada na colheita, e que exerce a maior pressão sobre os custos totais de produção. Nesse sentido, referiu-se às colhedoras mecânicas – cuja adoção provocou queda de 42,3% dos serviços para a categoria -, e ressaltou-se que o trabalho vivo, embora mais dispendioso, é fundamental como forma de pensar a cafeicultura nos termos do aumento da qualidade final do produto, como vem requerendo parcela importante do mercado mundial.

Palavras-chave: cafeicultura paulista, ocupação de mão-de-obra, mecanização da colheita.

LABOR IN SÃO PAULO COFFEE PRODUCTION

Abstract: The labor analysis concerning the traditional categories in coffee production – permanent and temporary workers – was based on a stratified probabilistic sample survey, which was carried out in the crop year 2004/05 on the Agricultural Production Units (UPAs) of São Paulo state. The results revealed a new labor configuration showing, among other things, a strong need for workers qualification. Besides, there was a reduction of labor positions in the activity. Most of the workers were male (70%). Female workers predominate in the *parceiro* category, reaching 75% in the Franca EDR, which showed women integration as far as this system is adopted. The survey also highlighted that the excessive care, which is typical of this crop, were intensified in high density coffee areas, meaning that specific practices fit better in smaller production units. The analysis reinforced the worries about temporary labor, mainly in the harvest, due to the higher pressure over total production costs. The adoption of mechanical harvest reduced 42.3% of labor needs. However, despite the high human labor costs, it is of utmost importance to the final quality of coffee beans, as required in the world market.

Key words: coffee production in São Paulo State; labor; mechanical harvest.

Introdução

Pesquisas sócio-econômicas na cafeicultura têm como uma das suas principais finalidades inserir a questão social entre os estudos que visam o crescimento dos investimentos na lavoura e, conseqüentemente, no mercado de trabalho. O café é uma das culturas de maior absorção de mão-de-obra rural, e alterações na produção ou a erradicação drástica de cafezais podem acarretar, sem dúvida, efeitos negativos na ocupação dos trabalhadores rurais.

O objetivo deste estudo é analisar a ocupação de mão-de-obra nas Unidades de Produção Agrícola (UPAs) com atividade cafeeira nas categorias proprietários, arrendatários, parceiros e seus familiares residentes, ou não, e também da mão-de-obra volante no Estado de São Paulo.

Material e Método

O levantamento de dados teve como período de referência o ano agrícola 2004/05. Os questionários foram preenchidos por técnicos da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) mediante entrevistas com os responsáveis das Unidades de Produção Agrícola (UPAs), sorteadas em julho de 2006. Foram obtidas informações sobre a população ocupada na cultura - por categoria de trabalho e por sexo.

Para obtenção das estimativas foi utilizada amostra probabilística estratificada segundo dois critérios de classificação: tamanho e localização geográfica da cultura. Quanto à estratificação por tamanho utilizou-se a área com café na UPA. As unidades com mais de 200 hectares foram reunidas num só estrato censitário. Dessa forma, garantiu-se a inclusão de todos os maiores cafeicultores, conseqüentemente, diminuiu-se o erro de amostragem e, portanto, o tamanho da amostra. Quanto à estratificação geográfica levou-se em conta os principais municípios e regiões produtoras. Para a expansão dos dados utilizou-se o método descrito em PINO, FRANCISCO e LORENA NETO (2001).

Os aspectos qualitativos foram obtidos por meio de viagens realizadas pelos técnicos responsáveis deste projeto nas principais regiões produtoras de café do Estado de São Paulo. Foram entrevistados produtores rurais, cooperativas de

cafeicultores, técnicos das Casas de Agricultura, secretários de agricultura municipais e corretores de café. Essas informações foram analisadas separadamente e aparecem no decorrer deste trabalho.

Resultados e Discussão

No decorrer da década de noventa, principalmente em sua segunda metade, a cafeicultura retoma sua importância na ocupação de mão-de-obra com nova configuração, ou seja, as regiões que já eram produtoras especializam-se e passam a necessitar de mão-de-obra qualificada, resultando em ocupação considerável de pessoas no Estado de São Paulo. Em junho de 2006, os dados obtidos por meio do levantamento amostral realizado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) e pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), levaram à constatação de que o Estado de São Paulo ocupou cerca de 1.055,8 mil pessoas (BAPTISTELLA, 2007), sendo que a cultura do café, segundo os dados do levantamento especial, safra 2005/06, participou com a ocupação de 36.014 pessoas distribuídas entre as categorias proprietário, arrendatário, parceiro e seus familiares, residentes e não residentes trabalhando permanentemente nas UPAs - exceto as categorias assalariado e volante. Deste total, a categoria proprietário e seus familiares participaram com 74%, a parceria com 19% e a categoria arrendatário com 7%. O principal EDR na utilização de mão-de-obra foi de São João da Boa Vista com 21% do total ocupado; os EDRs de Franca, Ourinhos e Marília participaram desta ocupação com 8%, 5% e 4%, respectivamente. Embora a mão-de-obra masculina ainda seja predominante nas diferentes categorias, ao redor de 70%, o trabalho feminino destacou-se na categoria parceiro (39%). A categoria de trabalho parceiro e familiares é a que possui a maior participação no quesito residência nas UPAs, com 84%, e em seguida, com 55%, está a categoria proprietário e familiares no total do Estado (Tabela 1).

Tabela 1 -População Ocupada na Cultura do Café, por Categoria e por Sexo, Estado de São Paulo, julho de 2006

Categorias	Homens	%	Mulheres	%	Total	%	Residente na UPA	%
Proprietário e Familiares	19.337	72	7.438	28	26.775	74	14.786	55
Arrendatário e Familiares	1.696	69	779	31	2.475	7	591	24
Parceiro e Familiares	4.129	61	2.635	39	6.764	19	5.702	84

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

A parceria foi mais encontrada nos EDRs de Franca (75%) e São João da Boa Vista (43%), bem como a residência nas UPAs destas regiões com 100% e 42%, respectivamente. Em todo o Estado esta categoria de trabalho possui 51.465 pessoas e, deste total, 13% estão ocupadas na cafeicultura. Os parceiros e seus familiares residentes nas UPAs do Estado totalizaram 19.149 pessoas (Dados do IEA). Deste total 29,8% dos parceiros estão envolvidos com a cultura do café. O trabalho feminino na parceria destaca-se no EDR de Franca com 75%. Este informe evidencia o importante grau de integração da mulher com o sistema de parceria (Tabela 2). A utilização desta categoria se dá, principalmente, nas pequenas e médias unidades produtivas, pois permite aos proprietários rurais solucionarem a falta de mão-de-obra nos tratamentos culturais e na colheita, como também, livrarem-se dos custos trabalhistas, caso haja necessidade de contratar pessoas para trabalharem mensalmente.

Tabela 2 -População Ocupada na Cultura do Café, por Categoria e por Sexo, EDRs Marília, São João da Boa Vista, Franca e Ourinhos, julho de 2006

EDR de Marília

Categorias	Homens	%	Mulheres	%	Total	Residentes na UPA	%
Proprietário e Familiares	981	79	254	21	1.235	871	70
Arrendatário e Familiares	-	-	-	-	-	-	-
Parceiro e Familiares	60	100	-	-	60	-	-

EDR São João da Boa Vista

Categorias	Homens	%	Mulheres	%	Total	Residentes na UPA	%
Proprietário e Familiares	3.912	73	1454	27	5.366	2.592	48
Arrendatário e Familiares	870	67	434	33	1.304	-	-
Parceiro e Familiares	433	57	328	43	761	322	42

EDR de Franca

Categorias	Homens	%	Mulheres	%	Total	Residentes na UPA	%
Proprietário e Familiares	1.398	86	234	14	1.632	466	28
Arrendatário e Familiares	196	100	-	-	196	-	-
Parceiro e Familiares	234	25	702	75	936	936	100

EDR Ourinhos

Categorias	Homens	%	Mulheres	%	Total	Residentes na UPA	%
Proprietário e Familiares	1.391	94	84	6	1.475	355	24
Arrendatário e Familiares	281	89	34	11	315	-	-
Parceiro e Familiares	45	100	-	-	45	-	-

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

O número de arrendatários e familiares tem aumentado na cafeicultura paulista. Em 1999/2000 a categoria totalizava 890 produtores, os quais correspondiam a 2% das categorias de trabalho que mantinham relação de produção (VEIGA, et al, 2001). No levantamento de 2006 a participação desta categoria passou a 7% do Estado, com 2.475 pessoas e 24% destes residindo nas unidades produtivas. O EDR de São João da Boa Vista é o mais importante na ocupação desta categoria, com 1.304 pessoas. Contudo, esta é a categoria que tem ocupado o menor número de pessoas na atividade cafeeira.

Ao contrário da categoria arrendatário, a ocupação do proprietário e familiares na cultura do café é muito comum em todo o Estado de São Paulo, e a mão-de-obra mais utilizada é a masculina (72%). Nos EDRs de Ourinhos e de Franca a ocupação masculina chega a ser de 94% e 86%, respectivamente. É significativa a parcela de proprietários e familiares que residem nas UPAs tanto no Estado de São Paulo (55%), quanto nos EDRs de Marília (70%) e de São João da Boa Vista (48%) (Tabelas 1 e 2). A residência nas unidades produtivas é bem comum por ser a cultura cafeeira demandante de muitos cuidados, devido à grande exigência de trabalho nas operações intermediárias do ciclo produtivo. Os cuidados se intensificam quando as propriedades produzem o café adensado ou especial, pois as práticas que dizem respeito a este tipo de café adequam-se às unidades produtivas de menor extensão e com disponibilidade de braços.

O trabalho volante arregimentado nas unidades produtivas de café foi significativo, pois foram pagas 3.006.105 diárias em 2006. Estes trabalhadores foram mais numerosos nos EDRs de São João da Boa Vista (24%), Franca (23%), Marília (15%), Tupã (6%) e Ourinhos (5%), os quais são ocupados, quase que exclusivamente na colheita.

A colheita do café constitui-se na operação de maior peso no custo total da produção justamente pelo emprego de grande contingente de mão-de-obra volante - cujos preços tendem a ser mais elevados em função das dificuldades de arregimentação de pessoas, considerando-se que o momento de contratação coincide com o período de pico de demanda por mão-de-obra temporária também em outras atividades agrícolas. Para solucionar este gargalo, alguns cafeicultores mais capitalizados reestruturaram seus cafezais e introduziram a colheita mecânica o que, de certa forma, reduz tanto o custo de produção quanto o número de volantes contratados e, conseqüentemente, o número de conflitos trabalhistas. Embora a mecanização demande pessoas mais qualificadas como tratorista, mecânico, etc., as operações complementares (finalização de colheita, repasse e varrição) são efetuadas, em sua maioria, por trabalhadores volantes. Outros produtores que possuem suas unidades produtivas em terrenos acidentados têm realizado a colheita com derriçadeira manual. Vale acrescentar, no entanto, e a favor do emprego do trabalho-vivo, que o café de qualidade requer um maior e mais apurado senso de distinção quanto aos frutos a serem colhidos. A colheita mecânica, por motivos óbvios, não distingue o fruto vermelho do verde, e esta observação faz grande diferença na qualidade final do produto.

No EDR de Franca, os maiores produtores arregimentam braços no sul do Estado da Bahia e no norte de Minas Gerais, os quais são alojados nas próprias unidades produtivas e, por serem oriundos de regiões produtoras de café, possuem familiaridade com a cultura. Em 1997, o custo da mão-de-obra na colheita oscilava entre 8% e 10% do custo do café comercializado, atingindo a marca de 30% e 35% em 2006. Segundo alguns relatos de técnicos da região, os trabalhadores volantes são aqueles indivíduos que não conseguiram ocupação no setor urbano e têm como última alternativa de remuneração ocuparem-se na colheita. Parte destes indivíduos são oriundos de famílias que mantêm relação de produção e/ou de trabalho no rural e não têm interesse em realizar o trabalho com qualidade, e pouca motivação para receber qualificação na atividade. Eles relutam em seguir o mesmo caminho de seus familiares.

No EDR de Bragança Paulista a derriçadeira manual é muito utilizada dada a declividade do terreno. Para se ter idéia, uma pessoa colhe de 5 a 6 alqueires, em média, de café por dia. Uma derriçadeira manual faz 30 alqueires, em média, por dia, ou seja, a derriçadeira manual faz o serviço de 6 trabalhadores.

Nas visitas realizadas nas regiões cafeeiras infere-se que a mecanização da colheita, última etapa do processo produtivo que ainda necessitava de muitos braços, não é mais incipiente nas áreas tecnicamente possíveis no Estado. Esta prática de colheita semimecanizada ou mecanizada tem reduzido tanto o custo da operação quanto o número de volantes ocupados. Na safra 1999/00 foram pagas 7.112.623 diárias (VEIGA, 2001) após 6 anos foram pagas 3.006.105 diárias, ou seja, queda de 42,3% do número de serviços oferecidos do setor cafeeiro aos trabalhadores volantes.

Conclusões

O estudo indicou que na cafeicultura ainda há muito trabalho permanente, residente ou não, nas UPAs, o que, de certa forma, reforça a boa inserção, ou mesmo o sucesso, da pequena produção familiar, em especial a parceria, na atividade. Nos EDRs onde o cultivo do café tem importância econômica existe maior fixação de mão-de-obra rural.

Com relação ao trabalho temporário - trabalho volante - este ainda foi arregimentado nas unidades produtivas cafeeira, contudo com tendência de declínio de sua ocupação.

Referências Bibliográficas

BAPTISTELLA, C.S.L., FREDO, C.E.; VICENTE, M.C.M.; FRANCISCO, V.L.F.S. Ocupação no Rural Paulista Cresce 0,4% em 2006, para 1,056 milhões de pessoas. Publicado no site:<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=8679> em 16 de fevereiro de 2007.

PINO, F. A.; FRANCISCO, V. L. F. S.; LORENA NETO, B. Previsão e estimativa de safras cafeeiras no estado de São Paulo. *Agricultura em São Paulo*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 57-68, 2001.

VEIGA, J.E.R; VICENTE, M.C.M; BAPTISTELLA, C.S.L; OTANI, N.M. Relações de Trabalho na Cafeicultura Paulista. *Informações Econômicas*, SP, v.31, n.5, p.61-89. 2001.